

## **Revoluções Moleculares no Brasil<sup>1</sup>**

**Autor: Felipe Beltrão Torres<sup>2</sup>**

**Universidade federal de Pernambuco**

**Resumo:** O presente artigo tem como finalidade discutir o agenciamento libidinal que reverberou em parte da população brasileira no rechaço a exposição Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira a partir da obra de Félix Guattari, Gilles Deleuze e Michel Foucault. Para tanto, dialogaremos com alguns de seus textos, iniciando uma discussão que nos conduza a delimitação de conceitos válidos para interpretar tal acontecimento. Conceptualizaremos o capitalismo desde Deleuze e Guattari e discorreremos sobre a produção de subjetividade e poder na tradição foucaultiana para entender os agenciamentos microfascistas suscitados e culturalmente legíveis através das plataformas digitais.

**Palavras-chave:** capitalismo; fascismo; redes sociais; semiótica; teoria queer.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação- Intercom.

<sup>2</sup>Mestrando no PPGCOM/UFPE. Email: felipebeltraotorres@gmail.com

## 1- Introdução

Este artigo pretende analisar os fatores que acarretaram na grande repercussão negativa a respeito da exposição *Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, sob a curadoria de Gaudêncio fidelis, ocorrida durante os meses de agosto e setembro do ano de 2017 no Centro Cultural Santander em Porto Alegre, na tentativa de descrever o processo de fascistização que inscreve a sociedade brasileira num horizonte de barbárie e que tem no processamento de dados, algoritmos e nas configurações padrão (que refletem as escolhas do seu proprietário) das plataformas digitais um ponto de convergência fundamental. A programação prévia das plataformas traduz comportamentos sociais dos seus usuários em linguagem computacional, passando a interferir depois em seu desempenho (VAN DIJCK, 2013). Dentre os vários aspectos do consumo ativo (JENKINS, 1992) propiciado pelas plataformas digitais (que logo se converteriam em redes sociais digitais) nos centraremos apenas nos comentários de usuários do twitter que rejeitaram a exposição e nos memes- aqui entendidos como cards, gifts, fotos legendadas, vídeos- compartilhados pelos usuários na referida plataforma e que possuem a função de dar maior propagabilidade as demandas reiteradas *ad nauseam* pelos usuários. Mas antes de nos ocuparmos dos aspectos que ocasionaram a repercussão negativa da exposição na qual baseamos a nossa pesquisa, gostaríamos de falar do nosso interesse por exposições e obras que extrapolam a classificação de arte e acionaram outros discursos, como o jurídico, o moral, o pedagógico, que têm por pretensão respaldar a concepção hegemônica do fazer artístico. A obra de pássaro de Brancusi foi embargada nos EUA em 1946 porque as autoridades aduaneiras não entendiam que se tratava de uma escultura e sim de um bem manufaturado importado, uma espécie de utensílio de cozinha ou hospitalar, e portanto, deveria ser taxado. O até certo ponto cômico litígio do artista com a corte aduaneira mostrou a defasagem que havia na linguagem jurídica em relação às gramáticas da arte moderna, sendo que alguns críticos até consideram esse evento como o início da arte moderna. Se pode dizer que todo o julgamento decorreu por conta da ausência de um código capaz de ser interpretado pelo sistema jurídico vigente.

Já nos anos de 2000, quando as vanguardas pós modernas já haviam incorporado em suas poéticas as sexualidades dissidentes e a crítica ao projeto colonial, a obra *Haute couture 04 Transport* (“Alta costura 04 Transporte”), uma escultura que forma parte do projeto *Loomshuttles / Warpaths* (“Lançadeiras de tear/ Caminhos de guerra”) da austríaca Ines

Doujak e do britânico John Barker. Vale comentar que a mesma já havia sido exposta na Bienal de São Paulo de 2014 sem gerar grandes controvérsias. A obra representa o rei espanhol Juan Carlos sendo sodomizado pela líder obreira e militante feminista boliviana Domitila Barrios, que por sua vez aparece sendo sodomizada por um cachorro. Além da contravenção que havia em denegrir a imagem do soberano, a peça coloca em primeiro plano as dinâmicas do colonialismo espanhol. O próprio nome da exposição é um trocadilho (“a besta é o soberano”) e a mesma se baseia na obra homônima de Jacques Derrida (DERRIDA, 2014). A obra trata da animalização da política e da ferocidade do soberano, que aparecem representadas pelo rei, a militante e o cachorro, estando todos eles em cima de vários capacetes da SS usados na segunda guerra. Os apelos a normalização e moralização, vocalizados através de comentários e na circulação de memes pelas redes sociais digitais, foram pungentes: no horário marcado para a abertura da exposição estavam presentes aproximadamente 200 manifestantes, convocados através do facebook, e que exigiam aos curadores a retirada da obra. A negativa dos curadores em retirar a obra fez com que o museu (Macba) resolvesse cancelar de vez a exposição. O curador da exposição, Bartolomeu Mari, afirmou que em 25 anos de curadoria de exposições de arte jamais havia visto algo semelhante.

Em 2018 fomos surpreendidos com uma situação análoga. O Centro Cultural Banco Santander encerrou bem antes do previsto a exposição *Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* devido a polêmica em que sem querer havia implicado a sua instituição. Esta exposição trouxe obras de diversos autores que desconstróem certos esquemas de pensamento que organizam a tradição ocidental, tais como civilização- barbárie, animal-humano, razão-instinto (DERRIDA, 2011)etc. esta exposição atingiu um raio de divulgação muito maior do que os organizadores haviam imaginado e isso foi logrado, tal como a exposição citada antes, pela propagação da controvérsia propiciada pelos distintos tipos de engajamento via redes sociais, que criou as comunidades de interesse, voláteis, perecíveis e localizadas e que se erigiam como foco de enunciação própria, sem intermediações.

A programação algorítmica, potencializada pela ação de bots, gerou uma multiplicação exponencial dos engajamentos nas plataformas em função da controvérsia em relação às poéticas que figuravam na exposição. As controvérsias geram engajamentos, o que é extremamente rentável para as empresas que anunciam nas plataformas, a chamada

“economia do engajamento”(JENKINS, FORD), já que o público passa mais tempo à mercê dos apelos publicitários. Mas de uma maneira geral o que nos interessa neste trabalho é o mecanismo usado pelas redes sociais para manter os seus usuários conectados e atuantes o máximo de tempo possível para desta forma arrojarem algo de luz sobre a influência de ditas redes na sociedade, economia, produção, etc. e que consiste na constante atualização de cadeias significantes que constituem um processo de subjetivação unidimensional<sup>1</sup>- e a forma em que rapidamente às demandas de moralização e normalização extrapolaram o espaço das redes sociais digitais e incidiram no plano de imanência no qual estamos inscritos.

O largo alcance da repercussão negativa fez a mesma fosse assunto em mais de 2800 publicações em jornais em todo o mundo; sendo até tema de redação de vestibular, rendeu uma CPI, que foi planejada para promover politicamente um dos maiores articuladores da bancada evangélica no congresso, o ex-senador Magno Malta (PL); a campanha de arrecadação crowdfunding realizada para que a referida exposição fosse recebida pelo Parque Laje do Rio de Janeiro logrou ser a maior arrecadação deste tipo na história do país. Em janeiro de 2021 o MPF multou o santander por ter entendido que o banco causou um dano moral coletivo ao cometer autocensura por conta da postura discriminatória dos críticos da mostra, que insistiam que a exposição incentivava a pedofilia dentre outras proposições delirantes. O propósito da multa foi resgatar a memória da exposição para assim evitar o esquecimento posto que “não é tolerável em um país democrático esse tipo de censura”.

Pode-se ver que a controvérsia causada pela exposição praticamente “colonizou” o cluster de interações no twitter nos meses de agosto e setembro de 2017. Conforme veremos, uma vista rápida numa quantidade considerável de memes e comentários pode nos levar a interpretar essas reações negativas como um indício de que as pessoas viram na representação de sexualidades dissidentes uma espécie de correlato no plano dos costumes das políticas inclusivas do governo petista e, conseqüentemente, o “projeto de destruição da família” e “implantação do comunismo”, etc. Parece ser que a exposição, como quase tudo, passou a incorporar a “cartilha” do antipetismo. Esse tipo de inferência nos parece uma meia verdade. Narrativas assim são apenas a forma terminal de um processo de fascistização que tomou conta da sociedade e que foi atualizado, daí a novidade, pelas redes sociais digitais. Podemos ver como no nível macropolítico as redes digitais são o suporte das chamadas “comunidades virtuais” que deram origem às massas digitais que suscitaram o fascismo e, conseqüentemente, invalidaram o tecido institucional (afincado na ideia de uma democracia

parlamentarista humanista) que conforma os nossos modos de vida. Mas o processo a nível micro, que consiste no desrecale seguido pela semiotização dos fluxos de desejo através da programação algorítmica, exige mais que uma teorização, requer uma analítica.

As obras que figuraram na exposição possuem uma crítica à ordem significativa falocêntrica que está no âmago da constituição das subjetividades; estes significantes geram linhas de fuga, elementos semióticos que geram novas cadeias significantes que extrapolam a codificação capitalista. Especificamente tratando da performance *La Bête*, onde o artista se deitava nu no assoalho do museu e lá permanecia quase que imóvel, numa tentativa de questionar as convenções que recaem sobre o conceito de “humano”, podemos notar que a mesma apresentava diversos elementos que poderiam vir a ser a conjunção perfeita para o pânico moral, mas esse fenômeno nos remete a um plano estatístico, molar na acepção de Deleuze e Guattari, o que derivaria nos aspectos gerais dos interesses conscientes dos indivíduos propensos a este apelo.

Nos comentários podemos ver a assunção do sexo como palco de disputa política. As representações de sexualidades dissidentes muitas vezes eram postas como um perigo à ordem social, e os artistas vistos como indivíduos perversos, monstruosos, anormais, enfim, houve toda uma taxonomização de indivíduos visando a saúde do corpo social. Essas reivindicações ao redor do desejo e do corpo, acabam por afetar uma parcela da sociedade, e que especificamente no contexto nacional, interseccionam-se com o substrato autoritário que há tempos vem galgando cada vez mais espaço no senso comum. Dentre os elementos que conformam o autoritarismo brasileiro cabe citar o advento do neopentecostalismo, o hiper-individualismo e empreendedorismo propagados pelas escolas de economia dos “tubarões da educação” e pela discursividade neoliberal no geral, os arroubos antidemocráticos da alta cúpula das forças armadas, o colapso institucional e criminalização do campo progressista enfim, devido a diversas realidades conjunturais, estruturais e históricas.

Acreditamos que a controvérsia e a pressão sofrida pelos simpatizantes, organizadores e artistas (inclusive muitos deles foram fisicamente agredidos na vernissage) é um sintoma do recrudescimento do viés autoritário que inscreve a sociedade brasileira num horizonte de barbárie política, social e cultural, justo em uma época em que a maior parte dos indivíduos possuem acesso à banda larga e acesso quase irrestrito à informação. O presente trabalho busca abordar o ocorrido não como uma questão de verdade ou mentira, de distorção da

realidade, em suma, uma questão de ideologia, e sim como processos de produção de subjetividade. Já conhecemos a manipulação no nível do afeto (afeto no sentido lato) desde a eclosão da imagem técnica mas essa dinâmica está sendo levada a níveis inimagináveis pelas tecnologias digitais.

É inegável que em boa parte do século passado cargas afetivas vêm determinando os rumos da história (índice bursátil, a revolução iraniana, a integração das economias do leste ao capitalismo) e pretendemos analisar como as redes sociais se tornaram instrumentos que incidem massivamente na história evenemencial- mais concretamente o processo de fascistização do país- através da manipulação de ditas cargas. Praticamente a totalidade do material semiótico (os já referidos memes que circulam pela e os comentários no twitter) gerado em reação a exposição, onde podemos perceber padrões que indicam subjetividades fascistas, tais como a repressão ou valorização de uma geografia corporal determinada, o apelo a instituições regressivas, a psiquiatrização das condutas sexuais não falocêntricas, a questão da saúde da descendência em função do controle da sexualidade infantil, a pobreza da linguagem e a ausência de qualquer racionalidade elementar (fetichismo), eclosão do afeto segregativo, dentre outros aspectos.

## **2- Questões teórico-metodológicas**

### **2.1- O capitalismo e a decodificação do desejo**

Neste apartado me interessa conceitualizar o capitalismo desde Deleuze e Guattari na medida em que o sistema de semiotização que este põe em ação sobre o conjunto do campo social, permite estabelecer inscrições na produção do desejo, formação da identidade e a construção valorizada da geografia corporal. Ou seja, a produção capitalista é um dos eixos que permitem compreender o gênero em tanto que conjunto homogêneo de um corpo e um desejo que devem funcionar numa direção determinada, todo o qual se faz inteligível culturalmente a pessoa mediante a concretude de uma identidade (BUTLER, 2007). Guattari define o capitalismo como um “modo de avaliação” e técnica de controle dos agenciamentos de potência e suas formações de poder correspondentes (GUATTARI, 2004). Por agenciamentos deve-se entender como a concatenação de componentes heterogêneos: sociais, biológicos, maquínicos e libidinais, cuja relação cria coeficientes de potência maquínica. Esta interação é possível devido a um sistema geral de semiotização que consiste na inscrição e

equivalência de bens econômicos e materiais, atividades humanas individuais e coletivas e processos técnicos, industriais e científicos (GUATTARI, 2004).

Isso demonstra a natureza do capitalismo como processo de processos, e não somente como um estado subordinado a uma elite burguesa, o capitalismo hoje em dia se erige como acéfalo e descentralizado, autônomo e autopropulsado, e seu poder é mais semiótico que econômico posto que o mesmo emprega mecanismos simbólicos cuja sintaxe é capaz de sobrecodificar e com isso controlar a gestão dos mecanismos produtivos e reprodutivos. Nem a soma da mais valia do trabalho humano e da mais-valia maquínica, no sentido do valor que surge da aplicação de conhecimentos diretamente na produção tem importância central na conformação do capitalismo atual- no sentido em que seu controle se exerce sobre os componentes que contribuem à manutenção e desenvolvimento do seu caráter processual, principalmente aqueles relacionados aos mecanismos evolutivos que nada mais é do que a renovação contínua das máquinas existentes, ou seja, os dispositivos de potência maquínica (temos a sexualidade como exemplo desse tipo de dispositivo) que combinam as máquinas sociais, científicas produtivas, visuais, publicitárias, biológicas, libidinais, etc. Com isso em vista podemos contemplar como as redes sociais são um ator de fundamental importância na conformação do capitalismo atual na medida em que as mesmas inscrevem em sua programação elementos dos sistemas cognitivo, afetivo, sensível e representativo através do agenciamento de máquinas de diversas índoles, ordenando-as, categorizando-as e valorizando-as segundo uma relação diagramática (PIERCE) determinada pela programação e ou semiotização dos aspectos da produção e da reprodução como um todo.

Por semiotização entendo como uma semiótica a-significante que opera mediante cadeias sintagmáticas capazes de incidir diretamente sobre os seus referentes em uma interação diagramática ou de inscrição. A diferença das semiologias significantes baseadas na articulação entre significante e significado, a semiótica a-significante seria como a escritura musical, a matemática e a sintaxe informática, no sentido que opera em todas elas- como no capitalismo- um diagramatismo no qual os sistemas de signo trabalham, diretamente aos quais se referem, o referente do objeto é produzido pela semiótica mesma ao contrário dos sistemas semiológicos tradicionais que operam através da divisão língua/ escrita, etc. segundo este sistema o capitalismo inscreve diagramaticamente o conjunto do campo social. Hoje em dia vemos a perda da importância do trabalho físico em si (importância dada por Marx) mas por outro lado vemos vários agenciamentos maquínicos que têm lugar nos processos de produção

capitalista. A produção deve se entender no sentido lato (produção material, produção econômica, produção desejante) no qual a máquina corporal se relaciona com outras máquinas (informáticas, comerciais, visuais e libidinais) onde a extração de plus-valor maquínico se dá em qualquer momento da interação e não apenas no âmbito do trabalho. Dessa forma o capitalismo incita a proliferação dos pontos de fuga (como a redução da jornada laboral) para logo atá-las na cadeia sintagmática da que forma parte, como p.e, o ócio difundido pelos meios de comunicação de massas, concretando assim a extração de plus-valia maquínica. A partir dessa linha de análise é possível compreender sua incidência em fenômenos históricos concretos. Se bem é possível encontrar “sistemas de capitalização de poderes” em sociedades arcaicas (como, p.e., o capital de prestígio e a sua correspondente semiotização) apenas no modo de produção capitalista se criou a automatização de um sistema de semiotização deste processo de capitalização. Isso ocorre devido a desterritorialização dos modos locais de semiotização de poder, seguida de uma reterritorialização em um sistema geral de inscrição de dito poder baixo a hegemonia da burguesia dos Estado-nação. O território deve ser compreendido segundo Guattari como um sistema no qual o indivíduo se sente na “sua casa”. Um território sempre remete sobre um determinado código social, cultural, material e libidinal. Já a desterritorialização seria quando o território se abre, gerando a abertura de todos os códigos e a sua correspondente decodificação, podendo levar dito território a extinção ou sua reterritorialização. Um exemplo de reterritorialização seria o trabalhador do campo que migra às cidades. A plus-valia implica a reterritorialização por parte do capital da desterritorialização prévia em que se encontra o trabalhador despossuído dos meios de produção. É assim que funciona o mecanismo geral da axiomática capitalista, entendida como um sistema de relações diferenciais entre fluxos descodificados. Para Guattari o desejo não está associado à representação. Com independência das relações subjetivas e intersubjetivas, ocupa uma posição que lhe permite produzir objetos e os modos de subjetivação que lhe correspondem” (GUATTARI, 2004). Tanto a produção capitalista quanto a produção desejante operam com sintagmas assignificantes que rompem com a separação entre significante e significado, palavra e coisa representada. Só que a semiótica capitalista reúne registros heterogêneos (materiais, sociais e libidinais) para dar-lhes mais-valor maquínico. Neste sentido, o capital coloniza o desejo, atribuindo-lhe determinado valor, segundo a operação maquínica e extração de mais-valia. Ao mesmo tempo ocorre uma adesão inconsciente ao capitalismo que acaba por frustrar os

agenciamentos revolucionários. Mas tanto Deleuze quanto Guattari manifestam uma grande confiança nas possibilidades subversivas do desejo, na medida em que a sua inscrição nas linhas desterritorializadas do capital supõe a desterritorialização do desejo, o que pode provocar ou bem sua axiomatização ou bem a sua incorporação no registro das revoluções moleculares, termo que Deleuze e Guattari assinam as lutas contemporâneas por liberdades em contraposição às lutas molares (sociais, econômicas, sindicais, etc). No registro das políticas pós-identitárias adquire grande importância o desejo concebido como fluxo semiótico. Como mecanismo de valorização, o capitalismo regula as formações de poder, articulam a produção de corpos normais e identidade de gênero estáveis. O capitalismo gestiona agenciamentos maquínicos que valorizam certa estética corporal e certos estereótipos de gênero mercantilizando-os, o que explica a objetificação do corpo feminino, que no domínio do conhecimento é o equivalente a ilusão e a abstração proveniente da alienação do trabalho, segundo o marxismo (HARAWAY, 2000). Acredito que a desconstrução do gênero questiona em si mesma os modos de operação capitalista descritos anteriormente. As operações do capital concentram e exercem poder, poder que modela corpos e gêneros, e as políticas queer devem, em tanto que são agenciamentos maquínicos do desejo, devem subverter as operações de semiotização do capital e questionar as formações de poder construídas por ele. À medida em que o ocidente é semioticamente desconstruído as identidades são desestabilizadas. Segundo Donna Haraway (2000), a libertação depende da construção da consciência da opressão, depende de sua imaginativa apreensão e, portanto, da consciência e da apreensão da possibilidade (HARAWAY, 2000). No Manifesto ciborgue, ela empreende a discussão sobre a formatação de novos significados que abalem o sistema simbólico capitalista baixo o patriarcado postulando um contraponto ao pensamento totalitário presente nos imaginários dos grupos e indivíduos progressistas.

O ciborgue não tem qualquer fascínio por uma totalidade orgânica que pudesse ser obtida por meio da apropriação última de todos os poderes das respectivas partes, as quais se combinam, então, em uma unidade maior. Em certo sentido, o ciborgue não é parte de qualquer narrativa que faça apelo a um estado original, de uma “narrativa de origem”, no sentido ocidental, o que constitui uma ironia “final”, uma vez que o ciborgue é também o telos apocalíptico dos crescentes processos de dominação ocidental que postulam uma subjetivação abstrata, que prefigura um eu último, libertado, afinal, de toda dependência- um homem no espaço (HARAWAY 1999).

Junto ao surgimento do capitalismo nos séculos XVIII ao XIX, ocorreu uma série de novos processos relacionados a categorias e classificações em torno do desejo, da sexualidade dos indivíduos, de disciplinamento, normalização e subjetivação (processos de categorização e classificação do desejo, reterritorializações do capital), junto com a formação de uma série de instituições (hospitais, prisões, psiquiátricos) ao redor da consolidação dos Estados modernos, exaustivamente analisados por Foucault ao longo de toda sua obra (FOUCAULT, 1998, 2004, 2008). Este conjunto de processos, categorizáveis no conceito de modernidade, se inscrevem também no interior das relações capitalistas: o transcurso de uma sociedade de soberania -donde importa gravar a produção mais que organiza-la, decidir a morte mais que administrar a vida- a uma sociedade disciplinária – na que, pelo contrário, a produção se organiza em torno a grandes centros de encerro e começa a aparecer novas disciplinas orientadas a administrar a vida; é o correlato no campo social da axiomatização capitalista. Foucault agudamente concebeu os termos de economia, tanto pode apreciar sua circulação e concentração em determinadas áreas e certas instituições; o que condiz com o movimento de valorização e gestão das formações de poder por parte da semiotização capitalista. Só no final do século XIX é que se começa a perceber o efeito dessas mudanças na América Latina, quando nestas sociedades “os procedimentos de saber e poder tomam em conta os processos da vida e começam a tarefa de controlá-los e modificá-los” (FOUCAULT, 2008). É o começo do biopoder, poder de organizar a vida, no sentido de vida biológica e não de vida em comunidade, que até então havia ocupado a política, processo no qual o sexo tem um papel fundamental, já que se encontra “no cruzamento de dois eixos, ao largo dos quais se desenvolveu toda a tecnologia política da vida (FOUCAULT, 2008). O sexo dá acesso ao corpo e a vida da espécie e ao redor dele se elaboram disciplinas especializadas em manejar o corpo como políticas que visam assegurar e administrar a morte ou sobrevivência de populações inteiras. O sexo é para Foucault uma construção artificial no interior do dispositivo de sexualidade e também é fator que possibilita a sua proliferação. É assim que desde o começo da modernidade proliferou uma série de discursos em torno do sexo (demográficos, médico, psiquiátrico, moral, político, pedagógico, etc.), que como aspecto da vida, deve ser controlado e normalizado. “Através de tantos discursos se definiu uma norma de desenvolvimento da sexualidade desde a infância até a velhice e se caracterizou com cuidado todos os possíveis desvios” (FOUCAULT, 2008). Seguindo essa proposição, pode-se dizer que ser mulher” significa pertencer a uma categoria altamente complexa, construída por

meio de discursos científicos sexuais e de outras práticas sociais questionáveis (HARAWAY, 2000) Neste sentido o corpo já não visto como a “base material” em que se inscreve o gênero e sim como um “limite variável, uma superfície cuja permeabilidade está politicamente regulada, uma prática significativa dentro de um campo cultural no qual há uma hierarquia de gêneros e heterossexualidade obrigatória” (BUTLER, 2007). O exercício de práticas sexuais que abram novos orifícios e superfícies a novas significações eróticas reinscrevem o corpo nas novas linhas culturais que deslocam o limite de permeabilidade e impermeabilidade, desconstruindo o corpo mesmo. A principal estratégia de subversão para Butler (seguidora de Foucault) é a paródia, a atuação paródica de gênero, como no caso dos travestis, que tentando emular o original deixa ver a artificialidade da convenção. A subversão também é possível através da inversão de termos degradantes, como “veado” (presente em uma das pinturas da exposição), através da repetição progressista de um termo reacionário “com o fim de levar a cabo uma reterritorialização subversiva”.

Depois de esboçar os mecanismos de avaliação capitalista desde Deleuze e Guattari e sua coagulação no conjunto do campo social a partir de Foucault, se pode vislumbrar os agenciamentos que subjazem a cruzada moral levada a cabo nas redes sociais. Toda esta querela moralista pode ser compreendida a partir de como o capitalismo agencia o desejo. Se pode notar isso com mais concretude a partir da análise que faz Paul Preciado no livro *testo junkie* no qual postula o modo como o discurso médico fez a libido uma entidade tangível e o modo como o capitalismo passou de disciplinar para capitalismo de controle a partir do domínio desta matéria prima. O verdadeiro motor do capitalismo atual é o controle farmacopornográfico da subjetividade, cujos produtos são a serotonina, a dopamina, cortisona, escitalopram, benzodiazepínicos, antibióticos, morfina, insulina, fluoxetina, sildenafil (viagra), barbitúricos, ritalina, álcool, tabaco, etc. e todo aquele material-virtual que podem ajudar a estados psicossomáticos de relaxação, excitação e descarga. até o dinheiro se converte num significante abstrato psicotrópico. Os teóricos do pós-fordismo (Hardt, Negri, Virno) sugeriram que a matéria prima do capitalismo é o saber, a informação e a cultura e as relações sociais, a produção capitalista englobaria a produção de símbolos, de linguagem e de informação como produção de afetos.

## **2.2 O capitalismo semiótico**

A questão da pós-verdade é frequentemente evocada para elucidar a questão, mas acredito que este conceito oferece uma resposta parcial, já que a mentira sempre esteve presente no jogo político e também porque na sociedade pós-industrial hiperconectada não se pode falar de ideologia, de falsas apreciações da realidade, e sim de agenciamentos. O capitalismo agencia o desejo. Na verdade, todo esse plano de organização de uma formação social capitalista requer um diagrama (Pierce) virtual e não formal de forças que trabalham de maneira microfísica, concretando-se através de agenciamentos de poder que se constituem como dispositivos ou máquinas sociais de produção de subjetividade. Com isso pretendo desvelar como as redes sociais se tornaram arquiteturas computacionais idôneas para estes agenciamentos coletivos reacionários, através da capilarização de modos de controle e poder que circulam através do fluxo semiótico que atravessa os distintos gadgets. A tecnologia digital se baseia na inserção de memes neurolinguísticos e dispositivos automáticos na esfera da cognição e nas formas de vida. Pode-se dizer que o cérebro social está sofrendo um processo de cabeamento, mediado por protocolos linguísticos imateriais e dispositivos eletrônicos. A natureza multitasking ou a abertura de janelas hipertextuais causam um “delay” que distorce as formas sequenciais de elaboração mental, o que acaba por incidir na capacidade crítica dos indivíduos.

Crítica é a capacidade de distinguir, particularmente, de diferenciar entre a verdade e a falsidade das afirmações. McLuhan escreveu que quando a simultaneidade substitui a sequencialidade — ou seja, quando a afirmação se acelera sem limites — a mente perde sua capacidade de discriminação crítica, passando daquela condição a uma neomitológica (BERARDI, 2017).

Em sociedades pequenas e fechadas, seja campesina ou tribal, o fluxo informativo não vai além do que o indivíduo necessita e pode absorver, a comunicação humana é intensa, profunda e integral, ao contrário que se dá em sociedades abertas e em expansão.

O capital financeiro não só constitui o ponto mais avançado da “abstração”, já destacado por Marx, como também, na perspectiva da comunicação, introduz, de forma radical, a autonomização do signo e de seu impacto na produção artificial de conteúdos imateriais que, no entanto, definem o vínculo com a realidade determinando a busca de rentabilidade por parte de um capital que abandonou a esfera da produção para se centrar na esfera financeira. Ao se evaporar a referencialidade, o que também se encerra é a vinculação argumentativa, abrindo passagem à fabricação de sujeitos impulsionados por signos vazios e abstratos que impactam de cheio na dimensão afetiva e sensível (BERARDI, 2017)

Segundo Berardi, isto se torna empiricamente observável nas estratégias elaboradas pelos meios de comunicação para lograr criar dispositivos que operam sob a lógica dos memes neurolinguísticos (BERARDI, 2009) que buscam transpor a inata capacidade reflexiva dos telespectadores ou usuários de internet e de redes sociais, até alcançar o âmago de sua sensibilidade e afetos, onde as respostas se efetivam através do gesto automático que opera como um bloqueador de qualquer ação argumentativa. Berardi elabora um conceito que visa abarcar a atual etapa da sociedade dominada pela confluência do semiológico e do financeiro:

Chamo de semiocapitalismo a atual configuração da relação entre linguagem e economia. Nesta configuração, a produção de qualquer bem, seja material ou imaterial, pode ser traduzida a uma combinação e recombinação de informação (algoritmos, figuras, diferenças digitais). A semiotização da produção social e do intercâmbio econômico implica uma profunda transformação no processo de subjetivação. A infosfera atua diretamente no sistema nervoso da sociedade, afetando a psicosfera e a sensibilidade em particular. Por esta razão, a relação entre economia e estética é crucial para entender a atual transformação cultural (BERARDI, 2017).

É interessante notar o paralelo que há entre a supremacia do capitalismo financeiro e a consequente domínio e mercantilização de todos os aspectos da vida é estruturalmente análogo a decisão de optar por um regime fascista em vez de uma ditadura militar por parte da elite industrial e financeira da Alemanha pré-guerra:

O Grande Capital não se privou-se deste meio incomparável, insubstituível, de penetrar em todas as células da sociedade, que são as organizações de massa fascistas. efetivamente uma ditadura militar não teria conseguido esquadrihar as massas com a mesma eficácia de um partido organizado de forma policial. uma ditadura militar não capta da mesma maneira a energia libidinal que uma ditadura fascista (GUATTARI, 1999).

O que nos leva a proposição de Bifo Berardi, revisionista da obra de Guattari, tem a seguinte proposição:

As redes sociais são, ao mesmo tempo, uma expansão enorme – virtualmente infinita – do campo de estimulação, uma constante cooptação do desejo e, ao mesmo tempo, uma frustração contínua, uma protelação infinita do prazer erótico, embora nos últimos anos tenham sido criadas redes sociais que têm como função direta o convite sexual. Não creio que as redes (nem a tecnologia em geral) possam ser consideradas como causa da deserotização do campo social, mas creio que as redes funcionam no interior de um campo social

deserotizado, de tal maneira que confirmam continuamente a frustração, enquanto reproduzem, ampliam e aceleram o ritmo da estimulação (BERARDI, 2017).

### **2.3 A ascensão das massas e do fascismo digital**

As análises marxistas do fascismo, que busca interpretar o fenômeno a partir do materialismo histórico, postulou o fascismo como o resultado de uma reorganização interna do capitalismo que buscava superar suas crises internas (18 de Brumário de Napoleão Bonaparte, sendo o fascismo um super capitalismo) que junto com as análises da sociologia - que buscava as analogias estruturais entre o fascismo espanhol, italiano, alemão, etc- que Por Mais que essas teorizações nos sirvam para encontrar os determinismos econômicos sociais, essas teorias forçaram as questões que dizem respeito às maneiras em que os indivíduos são captados, habitados pelos desejos. O fascismo capta os indivíduos por trazer à tona aspectos ligados às catexias corporais, aos gestos libidinais, aos afetos de ódio e as paixões. Não nos interessa privilegiar aspectos psicológicos em detrimento dos sociais, culturais, políticos e econômicos, etc. Todo social é psicológico e vice-versa (Lévi-Strauss) e é dessa abordagem que partiremos ao definir a decodificação pelas redes sociais digitais.

Damos por sentado que o fascismo é um fenômeno de massas decorrente das formas de socialização e individuação hegemônicas e que são intrínsecas aos nossos modos de vida. Com isso quero dizer que as instituições que sustentam o capitalismo- a igreja, nos primórdios da ascensão da ética protestante, a família, o Estado e o exército por exemplo- são instituições altamente regressivas. O excesso de demandas, de superego, de racionalidade, gera uma espécie de “constrição”, fazendo com que o sujeito, ao galgar uma posição de poder, mesmo que imaginária, tenha um ganho libidinal. O poder não é nada e nem de ninguém, é um processo que perpassa todo o conjunto do campo social, sendo atualizado constantemente.

O conceito de estado totalitário só tem valor a escala macropolítica para uma segmentaridade dura e para um modo especial de totalização e de centralização. Mas o fascismo é inseparável de núcleos moleculares, que saltam de um ponto a outro, em interação, antes de soar todos no Estado nacional-socialista. fascismo rural e fascismo de cidade ou de bairro, jovem fascismo e fascismo de ex-combatente, fascismo de esquerda ou de direita, de casal, de família, de escola, de escritório. cada fascismo se define por um micro buraco negro, que vale por si mesmo e comunica com os outros antes de ressoar num buraco negro central generalizado.

O fascismo é o gozo do superego (ZIZEK). O fascismo, entendido aqui como estrutural ao capitalismo, pode vir a ser um capital de diversas índoles se o mesmo for

semiotizado (codificado) de maneira correta: eis o que lograram as redes sociais digitais. As redes sociais são os suportes perfeitos para a comunicação de intensidades afetivas por debaixo do nível do significado. Pouco a pouco os mecanismos das plataformas digitais prescindem da interação entre indivíduos em prol da modulação algorítmica e se centram em coordenar, em fazer funcionar um campo aberto de múltiplas intensidades, de lugares de gozo, e do corpo enquanto máquina desejante coletiva e impessoal (ZIZEK).

Guattari postulava que os desejos devem estar no primeiro plano, as lutas de interesse devem acolher elas, o que leva a necessidade de se escutar esses afetos e daí traçar alternativas que não sejam uma ruptura radical, que geraria a axiomatização pelo sistema e sim uma mudança localizada, singular, que desse vazão ao desejo. Este autor entende o desejo como uma construção social e ele costuma usar como exemplo a revolução sexual dos anos 60 que gerou uma série de mudanças no tecido social, como inserção da mulher nos cadeia produtiva, enfim, toda a desconstrução semiótica que vem passando o ocidente desde então.

Os mecanismos de axiomatização se codificaram na internet. os meios não só são informação, são processos de subjetivação, oferecem universos incorporais. os algoritmos operam através de uma síntese disjuntiva de fluxos semiótico extraídas a nível individual e recompõe este universo de referência, de partículas do desejo, e dão forma a um funcionamento de afetos retroalimentados pela configuração das redes.

A analítica do fascismo, mais ainda o engendrado pela internet 2.0, nos conclama a optarmos por um descentramento da questão do sujeito para a da subjetividade. Este apelo ao afeto nos permite dizer que o fascismo não se encontra sob a égide das políticas de interesses (as lutas políticas, sindicais e econômicas clássicas), e sim dentro do que Felix Guattari (ano) denominou de políticas do desejo.

Devemos compreender a maneira em que a programação das redes sociais digitais favorece os engajamentos nos grupos de afinidades que são a base das massas digitais pelo fato de que as mesmas criam o espaço virtual, que ao se atualizar, recebe e retroalimenta cadeias significantes que atam os seus usuários envolvendo-os numa teia que define a sua subjetividade. As redes são a culminação de processos de subjetivação operados por instâncias máqunicas, onde a comunicação se dá no nível das intensidades afetivas por debaixo do nível do significado. Guattari (2004) mostrou como as máquinas abrem um phylum máqunico, que traz consigo possibilidades de processos de subjetivação (processos

maquínicos, impessoais). Com isso queremos dizer que as máquinas constituem processos de subjetivação que elidem as técnicas e saberes que faz socialmente inteligível a ideia do indivíduo extrapolando assim o registro capitalista; diante disso, o que se vê atualmente é a sistêmica e sistemática conversão de seres humanos em terminais informáticos onde se dá processos de subjetivação capitalista de diversas ordens (desterritorialização maquínica e reterritorialização social) através da semiotização dos fluxos de desejo. Concretamente há os que são atrelados à necessária modelização do conjunto do campo social

Não se trata de uma realidade distorcida, uma questão de ideologia, e sim produção de subjetividade. Sendo assim, se pode dizer que no nível dos afetos puros que o fascismo se sustenta e não no nível da realidade representada e constituída. É inegável que em boa parte do século passado cargas afetivas vêm determinando os rumos da história (índice bursátil, a revolução iraniana, a integração das economias do leste ao capitalismo, e numa chave mais atual, ascensão do fascismo digital, etc.) e pretendemos analisar como as redes sociais se tornaram instrumentos que incidem massivamente na história evenemencial através da manipulação de ditas cargas, amparando-nos na análise do material semiótico (os já referidos memes e comentários) gerado em reação a exposição, onde percebemos traços claros que constituem uma subjetividade fascista, como a repressão ou valorização de uma geografia corporal determinada, o apelo a instituições regressivas, a psiquiatrização das condutas sexuais não falocêntricas, a questão da saúde da descendência em função do controle da sexualidade infantil controlada, pobreza da linguagem e ausência de qualquer racionalidade elementar (fetichismo), dentre outros aspectos.

Em relação aos comentários e memes e toda a cartografia conceitual concebida para analisá-los (fakes news, pós-verdade, pós-política, etc), optamos por situá-los sob a égide da produção desejante em detrimento da possível distorção da verdade factual- e que, como veremos na análise do material semiótico gerado pela temática da exposição, é praticamente inexistente. Entendemos que é imprescindível entender esse material- e por ende toda a constelação de fluxos semióticos que constitui o que hoje é a internet- como parte de uma subjetividade pática, que nega o sujeito como essência última da individuação, como foco da sensibilidade, da expressividade e unificador dos estados de consciência (GUATTARI, 2004), as redes sociais la circulación impersonal de los afectos y percepciones, por em cima do nível do sujeito individual, que é a hibridização do orgânico-máquina (veremos no capítulo 2) nos demonstra isso.

Para Guattari, o computador é a máquina de decodificação por excelência, decodificação de um cosmos ilimitado, e a leitura que Guattari fez de Hjelmslev nos desvela como uma linguagem é fluxo de desejo, e acreditamos que esse fluxo foi reterritorializado num sistema de equivalência generalizada, que é como Guattari define o capitalismo. nos ajuda a entender a articulação da diagramatização de fluxos desejantes, de pulsões e afetos.

### **3- Considerações finais**

A repercussão negativa da exposição *Queermuseum: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* nos fornece a materialidade necessária para entender a maneira em que as redes sociais digitais suscitam o fascismo através da comunicação de intensidades afetivas por debaixo do nível do significado, daí a big bang dos memes e arregimentação/decodificação de afetos regressivos (e endêmicos aos nossos modos de vida) pela ação da modulação algorítmica que tece uma cadeia significativa que intensifica e perpetua esse tipo de afeto.

Isso nos ajuda a entender como a história contemporânea está repleta de reivindicações subjetivas (controle do conteúdo transmitido nas escolas, armamento do “cidadão de bem”, etc.) que encarnam o que Guattari chama de reterritorializações conservadoras da subjetividade. Neste contexto, é imprescindível ter em consideração as produções semióticas dos mass-media, da informática e da robótica como componentes produtores de subjetividade:

Do mesmo modo que as máquinas sociais que podem ser classificadas na rubrica geral de Equipamentos Coletivos, as máquinas tecnológicas de informação e comunicação operam no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio das suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes. A consideração dessas dimensões maquínicas de subjetivação nos leva a insistir, em nossa tentativa de redefinição, na heterogeneidade dos componentes que concorrem para a produção da subjetividade, já que encontramos aí: 1) componentes semiológicos significantes que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte; 2) elementos fabricados pela indústria dos mídia, do cinema, etc; 3) dimensões semiológicas assignificantes, colocando em jogo máquinas de signos, funcionando paralelamente ou independentemente, pelo fato de produzirem e veicularem significações que escapam então a axiomáticas propriamente lingüísticas (GUATTARI, 2004).

As transformações tecnológicas, nos obrigam a considerar simultaneamente uma tendência a homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade e uma tendência

a heterogeneidade e singularidade de seus componentes (Guattari, 2004). A produção maquínica de subjetividade pode trabalhar tanto para melhor quanto para pior; tudo depende de sua interação com agenciamentos coletivos de enunciação. Na melhor das hipóteses ocorre a invenção de novos universos de referência, na pior das hipóteses, vemos emergir uma mass-mediatização embrutecedora e unidimensionalizante de parte expressiva da população.

As evoluções tecnológicas, conjugadas a experimentações sociais desses novos domínios são capazes de nos fazer sair do domínio opressivo atual e nos fazer entrar em uma era pós-midiática, caracterizada por uma reapropriação e uma ressingularização da utilização da mídia (acesso ao banco de dados, as videotecas, interatividade entre os protagonistas, etc.) (Guattari, 2004).

Parece ser que a era pós-midiática, da singularidade e da natureza produtiva do fluxo desejanste, se torna uma utopia cada vez mais difícil de alcançar. Na segunda metade do século 20 (no início da eclosão da sociedade de controle) a libido se tornou uma entidade tangível através da endocrinologia, da sexologia, psiquiatria, fisiologia, etc para assim se tornar a matéria prima do capitalismo atual: o controle farmacopornográfico da subjetividade (PRECIADO). Mas este controle se baseia na intersecção do registro do real (ou seja, a vida do corpo, que a princípio elide qualquer “escrita”) com o registro simbólico (LACAN, 1982). Numa realidade constituída por significantes refratários, onde a ausência de limites para a produção e circulação de informação, e razão de ser da própria informação reside na capacidade de afetar, sendo assim já não há mais lugar para operar com a ideia de verdade, a mesma acaba por ser mais uma dentre tantas outras efemeridades. Acreditamos que a relevância desta pesquisa reside também no fato de que já se pode dizer que as plataformas digitais não se aproveitaram de uma situação pré-existente e sim que elas produziram isso.

É patente que os agenciamentos coletivos de enunciação (conceito que se refere aos processos de subjetivação, de semiotização, ou seja, toda produção de sentido, de eficácia semiótica) reacionários que levaram a censura da exposição dialogam com o substrato mental totalitário da sociedade brasileira, resíduo de mais de duas décadas de ditadura militar, que levaram a cristalização de um imenso desejo coletivo que visa aniquilar os novos agenciamentos do desejo, como as teorias e políticas queer, posto que a sua insistência no papel do capitalismo na produção de sexualidades e gêneros contemporâneos, afirma que o objetivo das políticas e teorias queer é desterritorializar tanto o espaço corporal como urbano.

As novas lutas pós-identitárias, e as políticas queer entre elas, que Guattari inscreve no registro da revolução molecular, formam parte desse movimento de desterritorialização

generalizada, que paradoxalmente contém novos coeficientes de liberdade irrecuperáveis pelo capitalismo. De fato, os axiomas do capitalismo -desterritorialização, multacentralização, segmentaridade- podem, em tese, bloquear de maneira relativamente fácil as lutas molares, jamais conseguirão acabar com a proliferação do desejo dos diferentes grupos sociais. Isto sucede porque as revoluções moleculares -e as políticas queer entre elas- não só tem a ver com a micropolítica em si, mas também, e sobretudo, com a produção de coeficientes de desejo irrecuperáveis pelos axiomas do capital. o desejo em tanto que fluxo extrapola qualquer mecanismo de recuperação capitalista, daí que o centro nevrálgico da questão seja articular este registro de agenciamentos revolucionários com as lutas políticas, o que poderá suscitar transformações sociais e econômicas a grande escala.

#### **4- Bibliografia**

- BUTLER, J. El género en disputa. Barcelona, Espanha: Paidós, 2007.
- FOUCAULT, M. Historia de la locura. México: F.C.E, 1998.
- FOUCAULT, M. Vigilar y castigar. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.
- GUATTARI, F. Plan sobre el planeta. Capitalismo mundial integrado y revoluciones moleculares. Madrid: Traficantes de Sueños, 2004.
- GUATTARI, F.; DELEUZE, G. El antiedipo. Capitalismo y esquizofrenia. Barcelona, Espanha: Editora Paidós, 1998.
- GUATTARI, F. Caosmose: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 2012
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Micropolítica: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1999
- HARAWAY, D. Manifesto ciborgue. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (org.). Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2000.
- MARQUES, A.C.S. Habermas e Foucault: crítica social, ética e interações comunicativas. In: MATTOS, M.A.(Org.) Metapesquisa em comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2018.
- Semiocapitalismo. Revista UHI-online, São Leopoldo -RS, 30 de julho de 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/570100-o-semiocapitalismo>>